



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**ANA CAROLINY PEREIRA DA COSTA**

**AS MODIFICAÇÕES NO COTIDIANO DA COMUNIDADE DE POÇOS EM  
VAZANTES, VINTE ANOS APÓS A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE ARACOIABA CE  
(2002-2022)**

Redenção, CE  
2023

**ANA CAROLINY PEREIRA DA COSTA**

**AS MODIFICAÇÕES NO COTIDIANO DA COMUNIDADE DE POÇOS  
EM VAZANTES, VINTE ANOS APÓS A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE  
ARACOIABA CE (2002-2022)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante  
(Orientador) (UNILAB/Ceará)**

---

**Profa. Ma. Maria de Fátima Souza da Silveira  
Examinadora Interna  
(UNILAB/Ceará)**

---

**Profa. Dr. Adolfo Pereira de Souza Júnior  
Examinadora Interna  
(UNILAB/Ceará)**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em primeiro lugar, que sempre me deu forças para seguir. A minha mãe Antonia Pereira que se dedicou todo esse tempo a cuidar do meu filho Arthur Felipe, a quem também dedico, pois ele foi meu maior suporte para que eu não desistisse de chegar até aqui. As minhas irmãs Ana Karla e Ana Paula por sempre me incentivarem a ir atrás dos meus objetivos, mesmo nos momentos difíceis. Aos meus colegas que a faculdade me proporcionou a conhecê-los, Ana Raquel me auxiliando nas minhas dificuldades técnicas que tive ao longo do trabalho e sempre com palavras de encorajamento. E meu professor e Orientador Jon Anderson Machado Cavalcante, um dos responsáveis pela conclusão e elaboração do ensaio, sempre me auxiliando na escrita, com apoio moral e muita paciência, compromisso e dedicação do início ao fim.

# **AS MODIFICAÇÕES NO COTIDIANO DA COMUNIDADE DE POÇOS EM VAZANTES, VINTE ANOS APÓS A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE ARACOIABA CE(2002-2022)**

Ana Caroliny Pereira da Costa

## **RESUMO**

Este ensaio acadêmico, tem o objetivo de problematizar os aspectos significativos das mudanças vividas por ribeirinhos da comunidade de Poços de Vazantes diante da construção da barragem do açude Aracoiaba- CE, entre os anos de 2002 à 2022. A ideia principal deste ensaio é de que os principais aspectos a sofrerem mudanças foram: Deslocamento forçado das moradias, com a exposição de como se deu o processo dos/as ribeirinhos ao saírem de suas casas, se submetendo e vivenciando perdas materiais e emocionais do que já haviam construído ao longo de suas vidas, e dos modos que reconstruíram suas residências novamente, suas interações sociais entre os/as moradores/as. É destacado ao longo do ensaio, em diálogo com outras pesquisadoras residentes da região, as mudanças na localidade antes e após a construção da referida barragem, seus desafios históricos, geográficos e sociais.

Palavras-chave: Açude Aracoiaba; Deslocamento Forçado; Resistências.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente ensaio acadêmico tem como foco as modificações no cotidiano da comunidade de Poços em Vazantes, vinte anos após a construção do açude Aracoiaba-Ce (2002-2022). Analisa as questões do deslocamento e da moradia incluindo aspectos econômicos, socioemocionais e históricos que influenciam de diversas formas na vida de muitas pessoas que ali habitavam. Trazendo elementos da história da comunidade e das transformações ocorridas na vida dos/as ribeirinhos/as antes e depois de parte de seu território ser destruído pelas águas.

A implantação da referida barragem surgiu com o intuito de atender à escassez de água para a região do maciço de Baturité, visto que os principais órgãos responsáveis eram a Companhia da Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH) e a Secretaria de Recursos Hídricos (SOHIDRA). Após o mandato de desapropriação das áreas, houve a revolta de um povo que não foi avisado com uma antecedência maior sobre a real situação que estaria por vim e, com isso, afetou-se de forma intensa a vida de cada uma das pessoas que presenciaram este acontecimento.

Ao longo deste estudo buscamos observar o que já foi investigado em relação aos aspectos históricos da localidade, para entendermos como era a realidade, o cotidiano das famílias que ali estavam presentes. Incluindo a questão da sociabilidade, das emoções, das inquietações a respeito das alterações emergentes da construção do açude. Também, traremos o olhar, ao passar dos anos, em tudo isso foi percebido por meio do meu próprio convívio social, por estar inserida com as pessoas que estavam ali presentes e que relembram com certeza seu passado.

Partindo então de diferentes pesquisas e em diálogo com as minhas próprias experiências ao longo da minha infância, como filha de agricultores que ali viviam e assim ouvia falar sobre o processo de construção do açude. Apresento assim, como uma das fontes de reflexões deste ensaio, as experiências de contato com o campo deste estudo, que tive, ao mesmo tempo, como moradora e estudante.

Nesse sentido, destaco que participei de uma pesquisa na minha infância juntamente com uma familiar, Francisca Pereira de Lima, que seu trabalho de término de curso de especialização em História e Geografia, de 2011, teve como assunto: “As transformações econômicas e sociais em torno da vida dos ribeirinhos com a construção do açude Aracoiaba CE, 2000-2010”. Visto isso, a sua admirável monografia me instigou a utilizá-la como referência na maior parte deste ensaio. Além de outros estudos como o de

Maria Lenir Menezes Paz e Livia Paulia Dias Ribeiro, um livro, de 2022, a partir da dissertação do mestrado acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis - MATTS - na Unilab - CE, com título “Açude Aracoiaba: impactos e importância para o Maciço de Baturité”.

Soma-se a essas fontes, uma outra experiência quando já no ensino médio realizei, em forma de pesquisadora em campo, um estudo para a escola também com a temática do referido Açude. Por conseguinte, o presente Trabalho de Conclusão de Curso no BHU, dá continuidade a essas experiências, todas com o mesmo sentido e objetivo geral, só que em momentos diferentes.

Muitos aspectos podem ser percebidos e pensados nos momentos que vivenciei com um interesse cada vez maior em cada fase, apurando os acontecimentos impactantes do passado na vida de cada pessoa. Diante do que fui verificando e fixando em todos esses períodos com dedicação, buscando as memórias, os interesses e as inquietações dos/as integrantes que ali viviam. Com o passar dos anos, as pessoas estão diante de tudo isso, prejuízos de patrimônios perdidos, além das situações psicológicas que foram bastante significativas.

Ao longo desse estudo podemos observar que uma parte dos/as ribeirinhos/as descreditaram na possibilidade de que novas oportunidades dali viriam. Já estavam em momentos de dificuldades e passar por um processo tão impactante e incerto, não seriam diferentes do que a maioria das pessoas pensariam na mesma situação. Nisso, havia os que também acreditavam na possibilidade de que mudanças estavam por vir, para a melhora das condições em que viviam com a falta da água.

Em uma região que enfrentou dificuldades com a falta de água, após a implantação da barragem ainda demorou para que o atendimento de toda a população ocorresse da mesma forma que em outros lugares. A água encanada que facilitou a vida das donas de casa, que não precisaram mais se deslocar para realizar seus afazeres.

De fato a melhora veio para beneficiar a população, a garantia de empregos que surgiram para piscicultores e agricultores, gerando fontes de renda para manter as famílias. Em meio a tantos momentos drásticos que haviam acontecido, houve na comunidade, na qual ainda sou moradora, grupos de pessoas que foram lutar por seus direitos no Movimento de Populações Atingidas por Barragens (MAB), diante desses, algumas conquistas em prol da comunidade foram conquistadas ao longo dos tempos através da Associação.

Enfim, cabe destacar a disciplina de Território e Poder do BHU, que realizei no início do curso, pois me remeteu a pensar sobre a temática deste estudo, que queria buscar, pelo fato do docente querer que apresentassem alguma experiência conhecida e vivida em

processos de demarcação de terras. Estudamos como o espaço, a territorialidade, as memórias, os processos de territorialização e os movimentos sociais contribuem nesses cenários como o que será relatado neste ensaio.

O trabalho, dessa maneira, encontra-se dividido em tópicos, que irão dar sentido à temática ao longo da escrita. O primeiro é a minha relação com toda história local, desde o princípio, buscando informações e reflexões em minhas experiências e saberes ao longo de minha trajetória pessoal entrelaçada com a da comunidade. O segundo o deslocamento e moradia, que aborda a questão de como se deu o processo da saída para outras localidades e de como era o chamado poços velho.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. Minha trajetória pessoal, a comunidade e o açude**

Como moradora da comunidade de Poços em Vazantes de Aracoiaba-Ceará, afirmo que meus familiares assim como outros de lá, fizeram parte de todo o processo impactante no qual houve a construção de uma barragem neste lugar, nos anos de 2000 a 2002, com a sua inauguração em 2003 (Paz; Ribeiro, 2022).

Já que ainda não havia nascido na época do início das obras, seria impossível acompanhar ativamente esse processo, porém, ao longo do tempo, já na infância, sempre ouvia falar sobre o assunto, vindo de familiares e de conhecidos. Uma das principais que sempre estavam dispostas a contar o seu passado eram a minha mãe e as minhas tias, relembando de como viviam sobre aquele lugar que tanto lhes traziam boas memórias e bons momentos.

As fotografias, ao serem compartilhadas por elas, sempre havia emoção, e também ficava emotiva ao ver o sentimento exposto no rosto de cada uma. A partir de então, fui criando uma compreensão do assunto e despertando a curiosidade em saber mais sobre esse acontecimento que ocorreu a pessoas tão próximas a mim.

No ano de 2011, minha prima Francisca Pereira de Lima, que também era moradora da localidade afetada, era discente de uma especialização em História e Geografia pela FAK, Faculdade Kurios, e realizou uma monografia de conclusão de curso com a temática do desapropiamento e das transformações ocorridas dentro da sua comunidade.

Levando adiante o olhar sobre as ocorrências entre essas pessoas, que foram atingidas diante desta drástica situação desconfortável, que envolvia um de seus maiores patrimônios, as suas terras. Quando criança tive a enorme satisfação em fazer parte de sua pesquisa, trabalhando da forma que sempre desejei, com uma grande empolgação, participando do desenvolvimento dos métodos, de sua aplicação na prática, analisando

aspectos presencialmente, algo que nunca tinha tido experiência, um momento único e que sempre deixei registrado na minha memória.

Realizamos visitas nos lugares que foram destruídos pelas águas, encontrando alguns objetos da época passada, indo até as margens do rio, onde ainda estavam expostos os destroços das casas, mesmo depois de anos. Observei com atenção os chamados lajeiros, que era onde as moradoras realizavam as lavagens de roupas e que, na época, era um ponto muito frequentado pelos/as jovens, e, dessa forma, lembrei das conversas que tive ao longo do tempo com os parentes sobre esse determinado lugar.

Acompanhando a realização das entrevistas de quem passou, desde o início, pelo momento de tensão do desapropriação em seu território, foi possível perceber a medida em que, cada um, respondiam com clareza e objetividade, sem nenhuma dificuldade de expressão, apenas sentiam a inquietude por lembrarem de tudo que já haviam passado e não poderem ter feito nada.

Desse modo, sempre respeitando e dando tempo à fala de cada um/a, deixando o/a entrevistado/a bem à vontade, para responder o que lhes pretender. Também tive uma pequena participação no estudo da mesma, em fotografias destacando a importância da água para as nossas vidas. Isso me instigou a querer me aprofundar mais na realidade e na história do meu lugar, que teve um passado tão impactante.

No ano de 2018, no final do meu ensino médio na escola João Alves Moreira, realizei juntamente com um grupo de colegas uma pesquisa de campo sobre o seguinte tema: "Os impactos do açude para a comunidade de Agrovila e Poços". O objetivo do estudo era compreender o que é e para que serve uma pesquisa diagnóstica, exercitar pesquisas com fontes secundárias.

A escolha do assunto foi justamente pelo fato de saber que aquele seria o momento e teria a oportunidade de trabalhar na prática com as questões que, desde a infância, tive muito interesse. Para isso ser realizado, tivemos a aprovação e orientação do professor e dos demais colegas, alguns eram filhos/as de moradores que também faziam parte do antigo lugar, concordaram depois em dialogar e falar do que se tratava a temática, assim, levamos adiante a minha proposta.

Ao longo dessa produção tive várias experiências na pesquisa em campo, mesmo como moradora, nunca mais havia explorado pelo outro lado do açude, sem nenhuma pretensão. Apenas retomei novamente, ao lugar que já havia ido, apenas quando criança, no momento em que estava na escola como pesquisadora em busca de conhecimentos de anos atrás.

Na realização deste trabalho escolar, fiquei com o compromisso de entrevistar



os/as moradores/as mais antigos/as da comunidade, já que o tema dava um foco maior nas gerações passadas que ainda residiam no lugar. Era perceptível, nas entrevistas, que esses foram os que mais sofreram no momento da fatalidade, visto que, relataram serem mais apegados ao lugar, há muito tempo, onde sempre viveram e que não criaram muitas expectativas com as mudanças que estavam por vir.

Então, ao decorrer das perguntas, era perceptível que ainda recordam com intensidade de todas as perdas e principalmente das memórias vividas, porém sabiam que aqueles momentos não voltariam mais, apenas algumas fotografias como memória eram tudo que tinham.

Todo esse percurso, fez-me acreditar que um dia poderia retornar às pesquisas de forma que me levasse a espaços maiores, como o acadêmico. Nesse aspecto, com as perguntas e respostas dos/as ribeirinhos/as foi criado um diário de bordo contendo as principais informações dessa pesquisa e até atualmente o guardo como forma de um bom trabalho que foi desenvolvido e uma grande experiência vivida naquele período escolar e de todo o seu processo de desenvolvimento juntamente com os/as colegas.

Assim, pensei em realizar o TCC do Bacharelado em Humanidades sobre a construção do açude Aracoiaba-Ce, justamente com o objetivo de mais uma vez voltar ao passado e de aprofundar em busca de novas pesquisas e transformações que ocorreram ao longo do tempo.

Ademais, as pesquisadoras que já haviam produzido algum conteúdo sobre a temática, as mesmas me influenciaram a dar continuidade no TCC ao tema que já havia tido interesse desde sempre, pois seria evidente que o diálogo sobre esse assunto seria importante para minha aprendizagem, para o que estava em busca.

## **2.2. Aspectos históricos e sociais da comunidade de Poços e do Açude Aracoiaba**

Neste tópico, com a apresentação da comunidade de Poços, irei trazer aspectos históricos da realidade dos/as ribeirinhos/as antes da construção do açude Aracoiaba. Como se deu esse processo impactante em torno da vida dessas famílias, mostrando uma visão ampla e concreta das transformações no decorrer do tempo deste lugar. Trarei reflexões e memórias que tenho dos momentos presentes, do surgimento desse açude e a partir do meu aprendizado com moradores/as que vivenciaram esse processo de mudança.

Segundo Lima (2011), a localidade de Poços está situada no distrito de Vazantes, a 23 km da sede principal da cidade de Aracoiaba - Ceará. O local que tem como procedente do tupi-guarani , que significa lugar do canto das aves cantam<sup>1</sup>, fundada em 1890 antes do

---

1

início da colonização a região era habitada por índios de origem tapuia, canindés, jenipapos, choros e quesito (Lima, 2011).

O nome Rio Aracoiaba é originário do tupi guarani, foi dado pelos índios que ali viveram até o período da colonização. Este rio localiza-se no maciço de Baturité, Ceará. É formado por importantes afluentes como: o riacho Supriano e Mucunã em Baturité, riacho Sinimbu em Guaramiranga, riacho Santa Clara no Mulungu, riacho Pilar em Pacoti, riacho correntes do Salgado e do Susto em Redenção (Lima, 2011, p. 10).

No município, há distritos e sertão, assim conhecidos por quem mora na sede, mas para nós, que moramos aqui, é chamado interior, visto como um lugar calmo e tranquilo comparado ao centro.

A partir de minha leitura do trabalho de Francisca Pereira Lima (2011), sobre a construção do açude, é possível identificar que a localidade era composta por casas, igrejas escola e alguns rios, rodeados de matas e com difícil acesso a outras localidades, sobre a comunidade de Poços:

viviam quatro famílias: a família PEREIRA, a família FERREIRA, a família CAMILO, a família e a FREIRE BRASIL [...]. Embora sendo um rio perene ele proporciona aos pais de família, a pesca artesanal que dava alimento e sustento a todas essas família, ajudando aumentar a renda familiar das mesmas (Lima, 2011, p. 15).

O sobrenome dessas famílias até nos tempos atuais são as mais conhecidas. Como moradora e natural dessa comunidade, percebo a partir do contato com familiares e vizinhos/as, que ali viviam, sobre aquele pequeno povoado da zona rural, eram um povo tranquilo onde todas as pessoas dali se conheciam, até por ser um lugar de poucos habitantes. Trago isso pela convivência e aprendizados com familiares que, desde longo tempo, foram afetados com a construção do açude Aracoiaba que deixou muitas famílias transtornadas e desabrigadas por um longo período. Isso pode ser percebido na pesquisa de Lima (2011):

a localidade de Poços juntamente com os ribeirinhos de Lagoa de São João Voltam, Encosta de Baixo, Arraial Santa Isabel, Susto, Corrais I, Currais II e Lagoa Dantas passariam por transformações e seriam atingidas em média 500 famílias sendo que, a estimativa era de que algumas abandonariam totalmente suas casas passando a integrar uma AGROVILA, outras foram para cidades e localidades vizinhas, e outras ainda perderiam parcialmente suas terras, passando a morar no final das mesmas o que chamamos de sobras de terra. Algumas famílias que foram “indenizadas” sentiram-se lesadas pelos representantes do governo, pois receberam a irrisória quantia de R\$: 5.000,00 para abandonarem suas propriedades onde outras, seguiram o destino da agrovila deixando tudo para traz, memórias, terra, lembranças e o orgulho de vê todo esforço de vida construída em anos se acabar (p. 11).

Já durante meu ensino médio, no projeto de pesquisa sobre o açude, na escola João Alves Moreira, realizamos conversas, visitas à Associação de Moradores e entrevistas nas quais identificamos que cerca de 500 famílias na época juntamente com as comunidades

vizinhas foram afetadas, em detrimento da construção do açude Aracoiaba. Em concordância com essas informações, no estudo de Francisca Pereira (2011), vejo que as pessoas na época perderam suas moradias, as casas que para muitos era seu maior patrimônio.

A construção do Açude Aracoiaba influenciou a vida de, aproximadamente, 650 famílias que, diante da ação impositiva das indenizações financeiras, precisaram trocar seus terrenos e residências por novas moradias na comunidade de Agrovila. Essa troca modificou suas rotinas diárias, provocando um sentimento de perda, insegurança e tristeza, além da influência sobre o meio ambiente, dada a transformação do local de construção do açude, destruindo as moradias humanas e dos animais, alagando as terras de plantio e matando as árvores nativas existentes no leito do rio que forma o Açude Aracoiaba. [...] A construção do Açude Aracoiaba, que era motivo de esperança para os aracoiabenses, também foi motivo de transtornos. O processo de desapropriação dos moradores, que residem no local onde iria ser construído o açude, não aconteceu de forma tão simples, muito menos confortável. A necessidade de deixar seu lugar de origem causou muitos desgostos, muitas depressões e até morte. As indenizações não aconteceram, conforme os moradores esperavam, pois, para eles a quantia oferecida pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento - BIRD, não era justa (Paz; Ribeiro, 2022, p. 21).

Percebo que, com os impactos devido à inesperada construção do açude, diante da difícil situação, mesmo que o tempo passe, essas pessoas jamais iriam esquecer suas moradias em que foram criados e criaram seus filhos. Viveram bons momentos passados de geração a geração sendo de difícil compreensão imaginar que tudo isso apenas ficou nas fotografias e lembranças de bons momentos.

Todos aqueles habitantes do lugar eram agricultores e viviam do seu próprio trabalho, o território local sendo propício a uma boa plantação, já que as terras eram férteis e localizadas às margens das chamadas vargens, o mesmo que rios, que ficavam próximos onde os agricultores faziam as produções.

As terras férteis, que ficavam ao longo do rio, conhecidas por vargem, eram ricas em vegetação produtiva à base de leguminosas (feijão, milho, arroz, batata, tomate, etc.), e de vegetação frutífera (manga, goiaba, banana, coco, laranja, entre outras). Canaviais que tinham grande importância na geração de emprego e renda para muitas famílias, como a cana-de-açúcar matéria na produção de rapadura feita lá mesmo na comunidade. O restante da cana que era aproveitada na produção de rapadura era cortada e vendida para as usinas das cidades vizinhas para a produção de açúcar, álcool e cachaça. O capinzal servia para alimentar os animais, (gado, jumento, entre outros). A mandioca era cultivada pelos próprios ribeirinhos, levada para as casas de farinhas, promovendo assim o encontro entre eles e a descontração retirava a goma, faziam a farinha, o beiju e a tapioca, valorizando assim o trabalho da mulher. Havia em nossa comunidade pessoas que conseguiam sobreviver cavando buracos no chão, retirando argila e fazendo tijolos, telhas e assim garantido seu sustento (Lima, 2011, p. 15-16).

Um lugar favorável ao plantio de frutas e de alimentos que garantiam a subsistência das famílias, do consumo do dia a dia da comunidade, além disso a água também abastecia as casas, com a ajuda de um animal. Nesse aspecto, o banho de riacho era um dos maiores momentos de lazer que as crianças, os jovens e até mesmo os adultos tinham na

época, é interessante perceber que, mesmo com algumas dificuldades para as famílias, a impressão que me causou ao ter um diálogo com alguns desses foi de emoção e felicidade ao relembrares do passado.

A construção de barragens visa o abastecimento humano, com o intuito de atender a escassez para as populações que sofrem com a falta de água. Como se sabe é o recurso mais importante na vida e perceptivo que essas regiões em períodos mais secos venham a ter mais dificuldades enfrentadas, no entanto o foco de políticas governamentais é atender essa demanda nesse município.

A construção do açude Aracoiaba no período de 2000 a 2002 representa um fato de excepcional relevância para os habitantes da região, pois trouxe com ele novos recursos para sobrevivência de muitos e abriu um pequeno leque de conhecimento, e visão de empreendimentos, trazendo algumas transformações econômicas e sociais em torno da vida dos ribeirinhos, tendo em vista que surgiram novas fontes de renda como: pesca, agricultura familiar e o abastecimento de água. [...] Em uma região pobre que sempre enfrentou muitas dificuldades principalmente com relação à água, a construção de uma barragem desse porte vem representar melhores condições de vida para o povo, desde a geração de emprego, o abastecimento de água, irrigação e outras atividades (Lima, 2011, p. 10-11).

No entanto, o benefício do abastecimento de água de modo permanente e imediato não foi alcançado por todos/as e no tempo esperado, é o que pode ser visto no seguinte trecho de Paz e Ribeiro (2022):

a problemática da desapropriação vivenciada pelos moradores, ainda, foi acrescida da falta de um plano de abastecimento que contemplasse todos os aracoiabenses. Inicialmente a adutora fazia a distribuição das águas do Açude Aracoiaba, apenas, para a sede de Aracoiaba e Baturité, enquanto que os desapropriados e as comunidades adjacentes não tinham acesso livre a esse recurso. Mesmo após as lutas das comunidades e da associação local, o benefício não foi disponibilizado para todos. Alguns distritos do município de Aracoiaba, com suas comunidades, nunca receberam a tão esperada água do Açude Aracoiaba (p. 21).

Para entendermos mais desse difícil e complexo acontecimento, é importante detalhar mais sobre a construção do açude. Em meados de 2000 a 2002, deu-se início a construção do açude Aracoiaba sendo os órgãos responsáveis: Companhia da Gestão dos Recursos Hídricos-COGERH e Secretaria de Recursos Hídricos-SOHIDRA (Lima, 2011). Onde, por meio desses, e em virtude disso, surgiram questões de promessas para a melhoria da falta de água nas comunidades, porém depois de já iniciar o levantamento a situação da região ficou ainda mais precária, pois foram anos com a falta do recurso na população.

A construção do Açude Aracoiaba aconteceu nos anos de 2000 e 2002, nos governos de Tasso Jereissati e Benedito Clayton Veras Alcântara. Foi inaugurado, em 2003, no governo de Lúcio Alcântara. Lúcio deu continuidade aos projetos de irrigação e integração de bacias, iniciados em governos anteriores (Anuário do Ceará). A preocupação com os recursos hídricos havia sido expressa nos governos de Tasso Jereissati (1987-1990), quando criou a Secretaria de Recursos Hídricos, e também com Ciro Ferreira Gomes (1991-1994), ao lançar o Plano Estadual de

Na imagem abaixo, é possível visualizar um pouco do cenário desse local, do espaço vivido transformado totalmente nas obras de construção do açude de Aracoiaba.

**FIGURA 1:** A Construção do Açude Aracoiaba - 2002



**Fonte:** Foto de 2002, de Maria Ducarmo Ferreira presente em Francisca Pereira de Lima (2011).

A construção da barragem do açude Aracoiaba, localizada no maciço de Baturité, foi realizada e com o intuito atender a demanda causada pela escassez de água voltada para o abastecimento de toda a população dessa região, sendo considerada a principal solução para contornar o problema da seca, pois no local só existia um pequeno rio que abastecia a todos. Entretanto, como já demonstrado, o processo de construção e, por outro lado, os problemas percebidos atualmente, apontam para desafios ainda relevantes para essa população:

de fato, a construção do Açude Aracoiaba mudou a vida de muita gente, mas a problemática vivenciada pelos moradores desapropriados para essa construção, as dificuldades sentidas por aqueles que ainda hoje não tiveram o direito ao uso das águas desse açude, o uso intensificado e indiscriminado das águas, as ameaças de poluição e contaminação, advindas de práticas agrícolas inadequadas, os esgotos lançados no leito do rio Aracoiaba que abastece o açude, e a falta de políticas públicas que contribuam para amenizar a situação justificam as preocupações, as discussões, os estudos e as pesquisas realizadas (Paz; Ribeiro, 2011, p. 22).

Esses aspectos atuais refletem um percurso de construção do açude marcado por profundos impactos na vida dos/as moradores da região. Nesse ponto, foi dada ênfase na comunidade de Poços, distrito de Aracoiaba, que foi um dos principais povoados afetados com o processo de deslocamento decorrente da construção da barragem veio a ocasionar

grandes impactos na vida das famílias que ali viviam, diante dessa situação difícil de saber lidar repentinamente.

As obras da construção do Açude Aracoiaba atingiram a Comunidade de Poços em sua totalidade, as famílias tiveram que dar lugar às máquinas e aos equipamentos. Foi um período muito difícil, de “êxodo” para as famílias (SILVANAR SOARES, 2019). Assim como no filme *Narradores de Javé*, os moradores da comunidade de Poços, também, alimentaram a esperança de permanecer em seu lugar de origem, de manter seus bens, seus costumes e sua história de apego ao cotidiano em que viviam, mas foram vencidos pela força do progresso. O temeroso dia em que deixariam para trás todas as suas vivências, tornou-se uma realidade inevitável. Considerada obra de grande porte, a construção do Açude Aracoiaba causou impacto na vida de, aproximadamente, 650 famílias. Elas precisaram trocar seus terrenos e residências por novas moradias em uma comunidade construída (Agrovila), em um lar e um local escolhidos por outras pessoas, portanto, sem conexão com suas afinidades pessoais. A segunda alternativa foi receber uma indenização que não teve o valor monetário esperado. Essas pessoas presenciaram suas casas e tudo que tinham sendo inundados. O sentimento de perda, de tristeza e de desgosto foi tão forte que resultou em vários casos de depressão, incluindo caso de morte (Paz; Ribeiro, 2022, p. 24 e 25).

Tendo em vista a magnitude da obra, do ponto de vista geográfico e econômico, pode-se perceber o porquê da necessidade de desobrigar os moradores da região e de levá-los a outro lugar para dar espaço ao açude.

O açude tem uma capacidade de 170.700.00 m<sup>3</sup>, altura de 35,00m. A construção do mesmo teve início em outubro de 2000 tendo sido concluído em outubro de 2002, representando um custo de R\$12.948.258,63. Tamanho investimento não passou despercebido, pois há impactos ambientais visíveis e impactos materiais concretos irreparáveis. (Lima, p.17. 2011).

O processo de construção do trabalho de Francisca Pereira (2011) sobre o processo da construção do açude, teve a contribuição de moradores/as, como o entrevistado José Soares de 34 anos relatou que: “o açude trouxe o impacto porque ele não foi discutido com a população e sim, com algumas lideranças, só sai quando a água já estava dentro da minha casa” (Lima, 2001 p.19).

Isso mostra que houve um processo conflituoso, intenso e preocupante diante da comunidade que não possuía nenhum aparato para reivindicar seus direitos como cidadãos, dessa forma, ficando sem algum tipo de escolha em permanecer em suas casas.

Com a desterritorialização as pessoas tiveram de ser retiradas às pressas de suas terras, não havendo algum tipo de satisfação de suas necessidades, sem indenizar de forma devida essas pessoas que tiveram de começar suas vidas novamente sem saber como e onde onde seria sua nova moradia, e submetidos a esse processo de escolher sair ou ser engolidos pelas águas e os destroços do que iriam sobrar de suas casas demolidas.

Neste contexto de indecisões, incertezas e ilusões, apenas, 65 dos desapropriados foram para a Agrovila, dos outros indenizados, alguns gastaram o dinheiro recebido nas indenizações e ficaram sem dinheiro e sem moradia; outros compraram lotes em localidades vizinhas, e houve quem se mudasse para os distritos próximos, ou para a sede do município, deixando para trás toda uma vivência com aquele lugar, tendo que superar as consequências da ação impositiva das indenizações financeiras (Paz;

Ribeiro, 2022, p. 25).

Pode ser observada a falta de cuidado com moradores da região e os caminhos incertos e geradores de sofrimento para muitos/as que vivenciaram esse acontecimento. Aspecto esse não isolado, mas presente em outros territórios, como mostra o trecho abaixo de uma matéria jornalística de *Ciro Barro e Giulia Afiune*, de 2015, da Agência Pública, no site da UOL<sup>2</sup>:

prossequindo a viagem pelo sertão do Ceará, constata-se que o caso de Gameleira não é tão “atípico” como disse o ex-funcionário. Os moradores atingidos pelo açude Aracoiaba, cerca de 200 km de Itapipoca, também não foram protegidos pelas salvaguardas do Banco Mundial. Indenizações baixas, agrovilas incompletas, falta de diálogo eficiente com o poder público: o enredo é o mesmo. E esse açude foi concluído bem antes de Gameleira, em dezembro de 2002, durante a primeira etapa do PROGERIRH (Projeto de Gerenciamento Integrado de Recursos Hídricos do Estado do Ceará), ao custo de cerca de R\$ 14 milhões. Ali foram atingidas 608 famílias – 333 moravam no local e perderam todas as suas ou parte delas, segundo dados da própria SRH (Secretaria de Recursos Humanos).

O conteúdo da matéria em questão é congruente com o que os estudos de Lima (2011) e de Paz e Ribeiro (2022), indicando um padrão no modo com que as políticas de construção de açudes para abastecimento promovem mudanças e efeitos danosos para as populações dos territórios atingidos.

**Figura 2** - Moradores atingidos pelo açude Aracoiaba-Ceará.



**Fonte:** Foto de *Ciro Barros/Agência Pública*, 2015, apresentada na referida matéria.

Ainda segundo a matéria, são perceptíveis os transtornos sociais, econômicos e geográficos proporcionados pela política de construção de açudes nos modos de vida e nos

---

<sup>2</sup><https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/04/17/moradores-atingidos-pelo-acude-aracoiaba-cest-ambem-relatam-problemas.htm>. Acesso em: 10 dez. 2023.

sentidos que moradores/as possuíam em relação ao seu lugar. De acordo com Ciro Barro e Giulia Afiune, em 2015, em matéria da Agência Pública:

a família da agricultora Vanderléia Aparecida Maciel da Costa vivia havia três gerações em um lugar que desapareceu debaixo das águas do açude. “O açude mudou tudo”, lembra. “A indenização foi muito injusta pras famílias, foi pago R\$5.000 por casa. A casa que a gente construiu depois a gente não conseguiu fazer com esse dinheiro, tivemos que nos desfazer de terras, pés de fruteiras, gado, porque com R\$ 5.000 você não faz uma casa.” Os assentados passaram também por um período de privação de água. “Eles diziam que o projeto da barragem, do açude Aracoiaba, era para a acumulação de água pra população mesmo. Mas nós passamos cinco anos sem ter essa água na nossa casa. Era só com jumento, carro de mão, para ir buscar onde desse”, conta.

Com a desocupação, portanto, as famílias ficaram cientes que logo mais suas terras estariam sob as águas. Aos moradores que possuíam um bem maior de aquisição, em virtude de tudo, além da perda de suas casas, perderam também suas terras, animais e plantações que traziam a subsistência da família. Tinham em mente que seriam anos para poder se reconstruir novamente.

Tendo por parte das autoridades competentes, apenas as promessas de que melhorias estavam por vir, entretanto, mesmo existindo pessoas do lugar com mais bens que outras, ainda assim, receberam a mesma quantidade indenizatória daqueles que possuíam apenas uma morada e assim ficariam prejudicados por tudo o que já haviam construído ao longo de suas vidas, ao receber uma quantia insuficiente para todos/as reconstruírem seu lar.

O processo problemático da desapropriação dos/as moradores não ocorreu de forma tão simples, pois havendo a necessidade de deixar o seu lugar de origem causou um grande desconforto social e ambiental e, por consequência, casos de adoecimento devido às obras, de depressão e até de morte ocorreram de forma repentina.

A construção do açude Aracoiaba, projetada desde a década de 1990, era vista pelos moradores como algo irrealizável. A construção do canal do trabalhador no ano de 1992 veio deixar fora de cogitação a proposta de construção do mesmo, pois segundo os governantes do período este canal resolveria de forma provisória o problema da ameaça de colapso no abastecimento de água para a capital do Ceará e região metropolitana. No entanto, em outubro de 2000 os moradores sentiram-se abalados com a forma inesperada e repentina notícia da construção do açude. Com a chegada das máquinas para dar início à construção, algumas famílias resistiram em ficar, pagando por isso um alto preço: o pó de pedra causou alergia em adultos e nas crianças. Mesmo assim caminhões, caçambas, tratores e britadeiras [...] deram início a construção do açude Aracoiaba pela EIT (Empresa Industrial Técnica) que arregimentou junto à comunidade significativa quantidade da mão de obra para os serviços mais rústicos, desde o desmatamento do local até a instalação de todo maquinário. Daí em diante os problemas com o meio ambiente só se agravaram, pessoas começam e continuam a desmatar a mata ciliar sem nenhuma responsabilidade (Lima, 2011, p. 19).

Quanto à questão da indenização, quando foi ofertada alguns optaram por ficar na mesma comunidade, outros se deslocaram para uma comunidade vizinha com o nome de



Agrovila, algumas das famílias receberam uma quantia que foi injusta pelo fato de que não optaram pela casa pronta, pois não queriam sair dali. Dessa forma, construíram novamente seus domicílios migrando para o outro lado de Poços com grandes prejuízos. Diante de tantas adversidades, houve, por parte da população, ações de persuasão do poder público, como nos mostra *Ciro Barro e Giulia Afiune*, em 2015, em matéria da Agência Pública:

mas, se as carências desse reassentamento não serviram de alerta nem ao Banco Mundial nem ao governo do Ceará, a mobilização dos assentados de Aracoíaba – amparados pelo Movimento de Atingidos por Barragem (MAB), uma articulação nacional entre as comunidades afetadas – serve de exemplo para os assentados de Gameleira. Em 2004, após uma marcha de 100 km e uma semana de duração entre a cidade vizinha, Baturité, e a capital Fortaleza, os moradores atingidos pelo açude Aracoíaba começaram a ver suas reivindicações atendidas. “A partir daí as coisas começaram a andar: saiu a água que a gente não tinha antes, cestas básicas, projetos produtivos para as famílias, como o Projeto São José [que também conta com financiamento do Banco Mundial]... A gente só não esperava que ia ter que lutar tanto pra conseguir as coisas. Eles disseram que iam dar tudo que a gente tinha antes, mas não foi isso que aconteceu durante um bom tempo”, conta Vanderléia. “Nós só conseguimos os nossos direitos pela luta. Se não fosse a luta, acho que a gente estaria como era no começo. E tem famílias que até hoje lutam na Justiça para receber indenização”, diz. “Durante um bom tempo, aqui só vinha água de um açude particular de um fazendeiro aqui de cima da agrovila. E a água que vinha para a gente era muito pouca por dia: 300 litros d’água. Era muito pouco. A minha mulher passava dias e dias sem lavar roupa porque não tinha como”, lembra o agricultor aposentado Antônio Pereira de Abreu, 65, ex-presidente da Isca do açude Aracoíaba.

A luta reivindicatória surge como recurso de parte da população diante de um processo marcado por descaso, falsas promessas e desconsideração da população atingida pela construção da barragem. No entanto, é necessário destacar as dificuldades vividas, seja pelas comunidades diretamente afetadas, seja pela população da região de modo mais amplo.

Mais do que um bem precioso, a água do Açude Aracoíaba gerou, em seus moradores, a impressão de que os problemas com a escassez de água haviam acabado. Na concepção dos moradores, os benefícios dela poderiam ser aproveitados de diversas formas: no consumo em atividades domésticas do cotidiano, na agricultura e na própria fauna local. No entanto, o sonho da água encanada não chegou tão fácil. A adutora levava a água do açude para as sedes das referidas cidades, mas as comunidades, no entorno do açude, e mesmo aquelas atingidas pela construção não estavam na lista dos beneficiados. Os canos da adutora passavam nas calçadas das casas e não deixavam água. Foi preciso muita luta da população e da associação local. Os moradores dessas localidades chegaram, inclusive, a fazer ameaças de danificar o encanamento da adutora, caso ela não os abastecesse. Eles não tinham o apoio dos gestores municipais da época, nem de quaisquer outras instituições para fortalecerem e darem importância a essa causa (Paz; Ribeiro, 2022, p. 25 e 26).

Esses são aspectos vividos e ainda enfrentados pela população de Aracoíaba e, de modo específico, de Poços, pois, apesar de mudanças favoráveis a parte da população, no se refere a novas atividades econômicas associadas ao açude, há muito por se reconhecer dos efeitos negativos que ainda repercutem atualmente, seja nos sentimentos ou nas condições de vida e na socialização de e entre moradores.

### **2.3. Mudanças na moradia, nas relações e interações entre moradores/as**

Um pequeno povoado onde todos se conheciam e tinham o apoio uns aos outros perante as dificuldades materiais ou afetivas. Jamais imaginariam a possibilidade de, de repente, terem de se deslocar de suas terras. Todos tiveram que romper laços comunitários havendo a separação de famílias, desrespeitando a todos, sem haver nenhuma explicação concreta, sem saber o que causaria esse processo.

Houve a falta do amparo por parte do poder público perante a esses trabalhadores/as que, juntos, ao longo de suas vidas, tiveram sempre a convivência comunitária vinda de geração a geração. Em muitas crianças, por mais que não entendessem plenamente a situação, houve um grande impacto emocional que até atualmente é lembrado com clareza. suas memórias de infância permanecem sobre suas antigas moradias. Sem saber como seria a nova morada e como iria ser a convivência entre novos vizinhos, desde então.

Como mencionado anteriormente sobre o projeto de pesquisa que realizei, ao entrevistar vizinhos/as idosos/as, os antigos/as moradores/as, descobri que houve várias transformações em suas vidas ao longo do tempo e que influenciam até os dias atuais. Como as mudanças dos domicílios e o afastamento entre vizinhos, impactos significativos na socialização e das redes de apoio locais:

Dos impactos materiais, a perda dos laços comunitários de um determinado grupo de pessoas, a separação de famílias para seguir rumos diversos, uns migrando para as partes altas, as chamadas sobras de terra, enquanto outros na esperança de uma vida melhor decidiram povoar a AGROVILA (Lima, 2011, p. 18).

Recordo que, depois de anos à espera do tão desejado Açude, algumas mudanças no desenvolvimento e melhorias para os agricultores e as donas de casa começaram a surgir. Lembro-me que, antes não havia água encanada em nossas casas, as pessoas precisavam se deslocar até o açude para lavar roupa e pegar água com dificuldades.

Ademais, para fazer o uso diário, logo depois, como dito anteriormente, outras fontes de renda surgiram, a pesca artesanal e a agricultura familiar na questão das irrigações nas plantações. Assim também com a força maior da água abundante, gerou empregos as pessoas que não tinham, passando a trabalhar na criação de peixes em tanques dentro do próprio açude (Lima, 2011).

Em suma, depois de todo o processo da construção, como moradora fiz parte das reuniões que havia na associação da comunidade, onde eram discutidos e defendidos diversos

fatores que contribuíram para o desenvolvimento de lá, após as transformações ocorridas com o açude. Algumas pessoas se programavam para fazerem viagens atrás de seus direitos, na época meus familiares participavam já que eu, ainda infelizmente, não poderia, por ser menor de idade, mas acompanhava as sugestões entre as lideranças do grupo.

A organização do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) teve proximidade com moradores /as das localidades afetadas pelo açude. Contribuiu na organização da luta pelos direitos das pessoas afetadas.

A construção de barragens em território nacional tem propiciado, de maneira recorrente, graves violações de direitos humanos, cujas consequências acabam por acentuar as já graves desigualdades sociais, traduzindo-se em situações de miséria e desestruturação social, familiar e individual das populações atingidas (MAB).<sup>3</sup>

Em uma conversa que tive recentemente com José Soares Lima (Dedé do mundo) Secretário da juventude de Aracoiaba, o mesmo que é responsável pela organização dos debates na associação, relatou que o açude é o 16º maior do estado do Ceará, sendo o maior do maciço de Baturité. Além disso, após 13 anos desde seu sangramento, apenas em 2022 ocorreu novamente, ocorrendo no dia 24-04-22, a partir de então, a parede do açude se tornou um ponto turístico onde havia muitas pessoas reunidas para prestigiar.

Em 2022, iniciou-se um bom inverno, onde o povo cearense acreditava que seria um dos maiores desde os últimos anos. Visto isso, os aracoiabenses não tiveram dúvidas de que seria o ano em que o açude teria a ocupação satisfatória de água e, com o aumento cada vez maior das chuvas na região, não foi difícil prever que esse era o ano de seu sangramento. No início de 2023 havia vários açudes no Ceará com quase sua total capacidade atingida, entre eles o Açude Aracoiaba que ficou com o volume total de 95% (COGER, 2023).

Figura 3 - Sangramento do Açude Aracoiaba-Ceará



**Fonte:** Foto de Flávio Silva, 2022.

Logo, os fiéis da comunidade se juntaram para realização de uma missa cujo trajeto seria da igreja até a parede do açude, com o intuito de agradecer à chegada das chuvas, sendo esse o motivo pelo qual o nosso açude estava cheio. E mesmo com as chuvas fortes acontecendo na região nesse período, não foi empecilho para que pessoas de outros lugares se deslocassem até lá.

É satisfatório para mim, que acompanhei desde muito cedo a história da minha comunidade, como tudo aconteceu, desde o início de uma fatalidade que ocorreu entre amigos, vizinhos, colegas, conhecidos e maioria entre família, ver a felicidade dessas pessoas que um dia sofreram com as perdas, de seus bens materiais e de suas dores psicológicas, dos afetos diante de um processo difícil. Percebo que, por mais que esse processo tenha sido longo e doloroso, essas mudanças contraditoriamente também foram essenciais para as transformações e desenvolvimento da comunidade.

Desde a construção do açude, aquele lugar não foi mais o mesmo, cada um tem suas vidas individualmente, sem se entrosar muito uns aos outros, até porque a vizinhança mudou, e com a redução do povo de Poços na época que se locomoveram para regiões vizinhas, o convívio ficou menor.

Os reservatórios de água ainda contribuem para ameaçar as rotas migratórias de pessoas e animais, além da perda inestimável de laços comunitários, a separação de membros da mesma família, a destruição de uma capela, casas (Figura 06) , escola, paisagens como cachoeiras naturais que para população eram as mais bonitas do mundo, sendo que, de modo geral, com a retirada das famílias de suas terras cada morador fica ciente de que suas terras ficaram submersas com aproximados 20m de profundidade (Lima, 2011, p. 22).

Atualmente a população de Poços é formada por sua maioria em vilas, as crianças, que eram no passado, já construíram as suas casas, famílias e filhos/as, assim, aumentando hoje em dia a população local até por pessoas de fora, que fazem questão de ter uma moradia na localidade.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste estudo observou-se que a construção do açude Aracoiaba, veio com a proposta de proporcionar melhores condições de vida a muitas famílias que sofriam com a escassez de água na região. Portanto, é notório afirmar que mesmo depois do início do seu processo de produção, muitas melhorias não surgiram de forma repentina, conforme a promessa governamental, intensificando mais ainda as dúvidas das populações das localidades afetadas.

A não acreditar em uma boa conclusão do projeto, pela demora e por ainda haver dificuldades no abastecimento de água durante e após a conclusão das obras. Porém antes de boas transformações ocorrerem, não se pode esquecer que houve grandes impactos sociais acarretando sérios problemas a seres humanos que perderam seus patrimônios e sofreram emocionalmente com esse acontecimento.

É notório afirmar que, devido aos transtornos causados pelos órgãos maiores que foram os responsáveis, não foi fácil superar esse regime. E apesar das perdas, ao passar dos anos, várias mudanças ocorreram, inclusive, pela luta dos/as moradores/as, e a barragem, desde então, proporcionou também melhorias à comunidade dando lhes outras oportunidades, constituindo um conjunto de serviços para reconstruir novamente o que foi destruído.

Vindo em uma hora, revertendo a percepção de muitos, ao decorrer do tempo, pelas lutas e pela organização comunitária, muito foi se adequando novamente e novas realidades surgiram. É nítido que o projeto teve seus prós e contras, mas hoje percebe-se também os bons resultados que favorecem a comunidade, pelas iniciativas adotadas pelos/as próprios moradores.

É evidente que, pelo fato de ser neta, filha, sobrinha e irmã dos afetados da época, foi de grande relevância ser a segunda da família a levar adiante essa escrita, pois me proporcionou grandes aprendizados sempre que estava buscando ir mais além do que imaginava alcançar. Devido a todos os métodos, resultados e experiências alcançados, hoje tenho a concretude do que posso realizar mais a frente, dando seguimento a outros estudos com o mesmo foco e objetivo.

Esse estudo procurou apenas fazer uma discussão prévia de como essas pessoas conviveram desde a chegada desse açude na região, até os dias atuais, como estão, e quais as

transformações ocorridas durante esse período de 23 anos atrás. Afinal, almejo que este estudo colabore com outras pessoas na realização de novas pesquisas que venham a surgir.

## REFERÊNCIAS

BARROS. Ciro. **Moradores atingidos pelo açude Aracoiaba (Ce) também relatam problemas.2015.** Disponível em:<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/04/17/moradores-atingidos-pelo-acude-aracoiaba-ce-tambem-relatam-problemas.htm>. Acesso em:21 nov 2023.

COGER. Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos. **RMF: Operação 2020.2 no açude Aracoiaba e finalizado com saldo positivo.** Disponível em: <https://portal.cogerh.com.br/rmf-operacao-2022-2-no-acude-aracoiaba-e-finalizada-com-saldo-positivo/>. Acesso em: 21 nov.23

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Brasil, Ceará. Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/aracoiaba/panorama>. Acesso em: 21 nov. 2023.

LIMA, Francisca. **As transformações econômicas e sociais em torno da vida dos ribeirinhos com a construção do açude Aracoiaba.** monografia,(69f) Faculdade kurios, maranguape Sociologia-Geografia, 2011.

MAB. **Lutas.** Disponível em: <https://mab.org.br/lutas/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MENEZES,Lenir.**Açude Aracoiaba: Impactos e importância.** 1ª ed.Aracoiaba.inesp, 2021.

SILVA, Flávio. **Sobe para 37 o número de açudes sangrando no Ceará. No cariri tem.** Disponível em: <https://nocariritem.com.br/sobe-para-37-numero-de-acudes-sangrando-no-ceara/>. Acesso em: 28 nov. 2023.